



Comunicação COVID19

Ponto de situação 25 de Maio

Segunda, 25 de Maio de 2020

INFETADOS CONFIRMADOS

30.788 CASOS DE COVID-19

MAIS 165 CASOS DO QUE ONTEM

NÚMERO DE INFETADOS SUBIU 0,53%



ÓBITOS

1.330 VÍTIMAS MORTAIS

MAIS 14 VÍTIMAS MORTAIS (+1,06%)

NORTE-744

CENTRO-233

LISBOA E VALE DO TEJO-322

ALENTEJO-1

ALGARVE-15

AÇORES-15

MADEIRA-0

17.822 CASOS DE RECUPERAÇÃO

1.899 AGUARDAM RESULTADOS

311.223 CASOS SUSPEITOS DESDE 1 DE JANEIRO

531 INTERNADOS (1,72%) / 72 UCI (0,23%)



Costa inicia hoje reuniões com partidos para apresentar programa de estabilização.

OMS considera cada vez mais improvável segunda grande vaga.

Alemanha confirma contração da economia de 2,2% no 1.º trimestre face ao anterior.

Redução "sem precedentes" na utilização dos cheques e das operações com cartão em abril- BdP

IPMA-Aviso

Amarelo por Calor- Viana do Castelo, Braga, Porto, Aveiro, Coimbra, Leiria, Lisboa e Setúbal- terça e quarta-feira



MANCHETES, DESTAQUES E PRIMEIRAS PÁGINAS DA IMPRENSA



(Edição) Mais de 1500 pessoas internadas em hospitais, apesar de terem alta. No caso da covid-19, 18% dos doentes tiveram alta clínica, mas não abandonaram os hospitais.

Pandemia agrava desigualdades. 180 mil foram ontem à praia a sul de Lisboa sem incidentes. No bunker onde os militares coordenam operações contra a covid-19. Maria Velho da Costa. A palavra literária em estado de apoteose. *Obamagate*, a última conspiração de Trump. Há 46 mil alunos sem atividades extracurriculares por opção. As receitas dos partidos para recuperar a economia. Quatro distritos sem meios aéreos de combate a fogos Caramulo. O medo e a mágoa na vila onde Portugal tratou a tuberculose. Futebol. Clubes preparam regresso aos jogos com medo das lesões por causa da paragem. **(Online)**–Possível apreensão do telemóvel de Bolsonaro irrita ala militar do Governo. General Heleno disse que confisco do telemóvel do Presidente é “inconcebível”. Grupo de militares na reserva avisa que crise institucional pode levar a “guerra civil”. Sucesso da vacina da Universidade de Oxford está “longe de ser garantido”, avisa coordenador. Do Obamagate ao QAnon, no planeta Trump há uma conspiração para cada pergunta. PS retoma diploma do cobrador do fraque. Advogados e solicitadores chumbam-no.



(Edição) Relatório da criminalidade de 2019 derrapa prazo e fica secreto até dia 30 de junho. O presidente da Comissão de Assuntos Constitucionais manifesta a sua “perplexidade” e o Observatório

de Segurança Interna diz que as “estratégias operacionais” das polícias ficam comprometidas. Suécia fez tudo diferente. Foi mau na saúde e mau na economia. Violência doméstica. Boom de casos pode surgir depois do desconfinamento. Pedidos de subsídio de desemprego dispararam entre os mais jovens. Emmanuel Macron perde a maioria e quem ganha é Bayrou. Depois da Covid-19. O cinema

americano vai apostar tudo nos musicais. A rapariga do cabelo solto que nem os 45 anos nem a pandemia afastam dos relvados. **(Online)**. Brasileiros em Portugal atentos ao Brasil no epicentro da pandemia. Um biomarcador para antever que doentes terão infeção grave de covid-19. Equipa do Porto coordenada pela investigadora Salomé Pinho quer criar uma forma rápida de perceber, no próprio momento do diagnóstico, como evoluirá a infeção pelo SARS-Cov-2 em cada doente. A ideia é poder intervir precocemente, e a expectativa é ter resultados já no fim de julho. Liverpool-Atlético de Madrid levou a 41 mortes por covid-19.



Bebés infetados lutam pela vida – São dois, têm menos de um ano e estão a ser ventilados. Número de crianças internadas dispara,

Médicos preocupados. Polícia Marítima prepara vigilância para praia com drones. Dono de restaurante detido, lotação era superior a 50%. Jovem atira-se ao mar e salva banhista em perigo. Processo EDP – Prémios de Mexia na mira do superjuiz. Presidenciais – PSD e Costa disputam Marcelo. Valor médio de 442 euros. Em cada 100 desempregados só 35 recebem subsídio. Maria Velho da Costa. Morreu a segunda das “três Marias”. Kobe Bryant. Viúva herda 183 milhões. Asfixiada em lençol. Lar castigado por morte de idosa.



Consumo de sites e televisão pirata dispara na pandemia. Com os cinemas encerrados e sem futebol, a procura recaiu sobretudo em filmes e séries. No ano passado as autoridades já tinham bloqueado cerca de 10 milhões de ligações ilegais. Combustíveis

outra vez mais caros. Desemprego sobe 52% nos jovens até 24 anos. Saúde. Um terço das cirurgias e consultas adiadas têm nova data. Missas. Igrejas preparadas para reabrir com lugares marcados. Maioria dos pedidos de asilo recebe resposta negativa. Pinto da Costa. Meta é continuar a ser grande na Europa.



(Online) Valongo. Empresa quer expandir aterro polémico próximo de habitações. Investigadores portugueses desenvolvem

app para saber quem esteve em contacto com infetados. “Como toda a tecnologia, isto pode ser bem ou mal usado”, considera José Tribolet. Maria

Velho da Costa. Morreu a menina de boas famílias que fez da dificuldade o seu caminho. "Isto é uma prova de que o euro é estúpido" Costas Lapavitsas, Professor de Economia da Universidade de Londres. Benjamin Netanyahu. Acusado de aceitar subornos de joias e champanhe, o "rei de Israel" sentou-se no banco dos réus. Finanças pessoais. Saiba como escolher o melhor pacote de telecomunicações. Autor de relatórios da PIDE à venda no OLX já foi ouvido na PJ. Número de empresas que despediram ou tencionam despedir duplica.



(Edição) Aplicação anticovid pronta para as férias. App avisa quando se está em contacto com uma pessoa infetada durante 15 minutos. AHRESP. Ana Jacinto: "Se nada for feito até ao fim de maio

muitos restaurantes vão fechar" Governo retifica Orçamento sem saber que receita terá. Mercadona retoma plano de expansão de lojas. Bolsa. Afastar cotadas chinesas poderá tirar 5% a Wall Street. Turismo. Novo operador investe dois milhões no Vale da Lapa. Lazer. Golfe nacional perde 700 milhões com a pandemia. **(Online)** De máscara e sem refeição: como vão ser as viagens de avião. Centeno está certo de uma "recuperação relativamente rápida" da economia europeia. Britânicos podem ter acesso a vacina a partir de setembro. Entrevista a Ana Jacinto, AHRESP, "Sem fundo perdido hoje, teremos subsídios de desemprego amanhã". Governo retifica orçamento sem saber que receita terá. Marques Mendes: Costa e Rio "não têm a coragem de dizer a verdade" na venda do Novo Banco. Máscara não é obrigatória nos escritórios.



(Online)- Banco de fomento expulsa privados da SPGM e reforça capital. BCE ultima testes de stress para avaliar

resistência da banca europeia ao Covid-19. OE2020 2.0 é retificativo ou suplementar? É retórica ou está na lei? Emprego, apoios e investimento juntam partidos na receita para a retoma. "Da importação ao fabrico próprio, empresas reinventam-se com fundos comunitários. Fidelidade compra um 1,4 Milhões de euros em obrigações perpétuas do BCP. Novo Banco, TAP ou CTT. Quando as grandes empresas são alvo do Governo. Lufthansa retoma voos para 20 destinos em junho. Faro está na lista. Já foram concedidos 7.460 selos

"Clean&Safe". A maioria ao alojamento local. Da semente até à garrafa. Vinhos do Alentejo querem ser sustentáveis e vender mais 10%.



(Online) Operadoras de telecomunicações acumulam multas de 1,3 milhões até abril.

Alemanha entra em recessão: PIB registou a maior queda desde a crise económica em 2008. Estímulo Monetário: O risco de ressaca num mundo viciado em dívida. IPMA pondera candidatura a fundos europeus para poder detetar sismos. Exército compra dez mil testes de Covid-19 a empresa especializada no fabrico de peluches. Marques Mendes diz que os quatro contratos da venda do Novo Banco devem ser tornados públicos. Samuel Fernandes de Almeida: "Medidas de austeridade apenas contribuirão para uma maior desaceleração e aprofundamento da crise". Estudo valoriza 'naming sponsor' da I Liga em 7,4 milhões de euros. Covid-19, o inesperado acelerador de soluções 'cashless'.



(Online) Preços nas gasoleiras retomam subidas na reabertura.

Pedidos de subsídio de desemprego dispararam entre jovens. Empresa de compra de ouro expande-se em ano de pandemia. Centeno quer acordo europeu antes do verão. Covid-19. Britânicos podem ter acesso a vacina a partir de setembro. Sonae da Azambuja com 109 casos, cerca sanitária excluída para já.



(Online) O perfil do desempregado que a Covid-19 criou.

Contágio em Lisboa 4 vezes mais rápido que a média. "Omniscientes só os deuses". Porque é que a ciência não consegue ter certezas absolutas sobre nada deste coronavírus? Mesmo nada. Oxford: Coronavírus está a desaparecer demasiado rapidamente para se conseguir vacina. Pesquisa na Universidade de Oxford só tem 50% de probabilidade de sucesso na criação de vacina. É uma "situação bizarra", diz líder do projeto, mas o vírus está a "desaparecer demasiado rapidamente". Jerónimo diz que verba para Novo Banco resolvia metade dos problemas sociais. Os modelos de previsão merecem credibilidade? Presidente do Brasil em banho de multidão.

Sem máscara, deu abraços e pegou em crianças ao colo. Investigadores alertam para a necessidade de diabéticos infetados controlarem a doença. Santuário de Fátima retoma celebrações com presença de peregrinos. Covid-19: Estudo europeu conclui que consumo de vinho aumentou durante confinamento.



(Online) Presenças-fantasma. Da falta de Silvano à acusação de Mercês, resta saber o que aconteceu a uma deputada.

Orçamento Retificativo. Costa chamou todos, conseguirá ir além da geringonça?

Ana Gomes está a "refletir", sem "pressa", sobre a sua eventual candidatura à Presidência: "Há outras prioridades". Marques Mendes defende divulgação dos quatro contratos do Novo Banco. Mensagem do Governo sobre a pandemia "mudou radicalmente", é ambígua e "abre portas ao medo". Entrevista ao psicólogo Daniel Rijo. O fim dos escritórios como os conhecemos. Centeno decide até 11 de junho se quer renovar presidência do Eurogrupo. Incêndios: PSD denuncia "grave violação do planeamento anunciado" e falta de meios. China colabora na investigação ao papel da OMS durante a pandemia de covid-19. Será credível?



(Online) Costa recebe partidos para apresentar programa de estabilização.

A partir de amanhã oito distritos vão estar sob aviso amarelo devido ao calor. Quantos meios aéreos há? PSD quer resposta. Polícias fazem queixa no tribunal. Em causa está o 'favorecimento pessoal' nos serviços remunerados, avança a Organização Sindical dos Polícias.



(Online)- Costa recebe partidos. Lóbi bloqueou estudo a coronavírus.

Relatório Anual de Segurança Interna só será divulgado em junho.

SÁBADO

(Online) Entrevista: "A epidemia mostrou que o público é superior ao privado". No IPO de Lisboa, nenhum tratamento ficou por fazer, mas o mesmo não aconteceu com os exames. Em abril, fizeram-se menos de metade. À SÁBADO, o presidente João Oliveira admite que será preciso trabalharem mais

para recuperar o que não foi feito durante o pico da pandemia. Lóbi farmacêutico bloqueou Bruxelas na investigação aos coronavírus em 2018. Mais de 1.500 camas dos hospitais do SNS ocupadas por pessoas que já tiveram alta. Provedoria de Justiça quer esclarecer pagamento de portagens a transporte com doentes. "O efeito maior do vírus foi colocar a sobrevivência como risco imediato". António Pedro Pita, Catedrático de Filosofia na Universidade de Coimbra. Covid-19: Como o fim dos abraços afeta a sua saúde. Fanáticos das limpezas: como reagem ao coronavírus.

VISÃO

(Online) Vacina de Oxford com apenas 50% de hipóteses de funcionar porque pode não haver infetados suficientes.

"Muitas empresas irão falir. não há outra hipótese, apesar dos planos de recuperação que estão em vigor" Partner da consultora Deloitte, Miguel Eira Antunes defende, em entrevista à VISÃO, que "as grandes empresas terão de dar a mão às mais pequenas, criando novas dinâmicas que permitam ajudar quem está em maiores dificuldades".



Barómetro anual sobre internamentos sociais. Quase 20% dos doentes com Covid-19 ficaram internados em média mais duas semanas do que seria necessário.

Linha 1400 vai informar sobre serviços em risco. Farmácias param esta quarta-feira. São 23 minutos de protesto, os mesmos que a Assembleia da República vai dedicar a discutir uma petição com mais de 120 mil assinaturas e que propõe "Salvar as farmácias, cumprir o SNS". Pandemia fez aumentar a ansiedade, o stress e a depressão nas grávidas. A pandemia fez aumentar a ansiedade, o stress e a depressão nas grávidas. Centro Europeu de Controlo de Doenças admite que possa vir a ser necessário um novo confinamento - O Centro Europeu de Controlo de Doenças admite que possa vir a ser necessário um novo confinamento, para conter o número crescente de casos de Covid-19, um número que pode disparar ainda este ano, já no próximo Outono. O principal perito de coordenação do risco do Centro Europeu de Controlo de Doenças, admitiu que o levantamento de restrições também aumenta o risco de contágio, mas considera que se justifica um desconfinamento progressivo a partir

de agora. Relatório de Segurança Interna de 2019 continua secreto. BE lança hoje uma página para ajudar professores e alunos no regresso às aulas.



Faltam meios aéreos de combate a incêndios. O Ministério da Administração Interna remete para a Defesa esclarecimentos sobre um eventual atraso na entrada ao serviço de meios aéreos de combate a incêndios. Macau.

Como vive a capital mundial dos casinos quando não há jogo. Artistas. "É preciso ajudar já" e "não vai ser fácil" abrir as salas na próxima semana. "A cultura do presencialismo nas empresas está morta". Contratos do Novo Banco. Afinal são pelo menos quatro os contratos sobre a compra e venda e injeções de capital no Novo Banco. Foi o que tentou ontem à noite Marques Mendes, no habitual espaço de comentário na SIC. Almoço sem regras sanitárias responsável por contágio em lar de Abrantes. Proibida entrada nos EUA a provenientes do Brasil. Pinto da Costa apresentou a sua recandidatura.

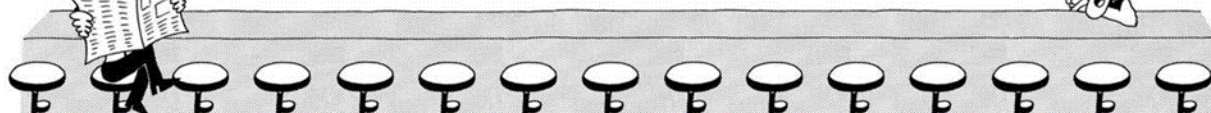


Barómetro anual sobre internamentos sociais. Transferidos para a mesquita de Lisboa cerca de 15 migrantes infetados. Luís Marques Mendes: 4 contratos da compra, venda e injeção de capital no Novo Banco. Ana Gomes sobre o Novo Banco. Ana Gomes diz estar em período de reflexão. PSD crítica falta de meios aéreos para combate a incêndios.

SE NÃO FOSSE A PANDEMIA, PORTUGAL
TERIA ATINGIDO HOJE O LIMITE DOS
RECURSOS DISPONÍVEIS E PRECISAVA DE
CRÉDITO AMBIENTAL ATÉ AO FIM DO ANO.



PELOS VISTOS, O VÍRUS VEIO PARA
AJUDAR. SE CALHAR, NÃO PRECISAVA
ERA DE AJUDAR TANTO.



Cuís

Público- Luís Afonso

A PANDEMIA NA EUROPA E NO MUNDO

- Quase 345 mil mortos e mais de 5,4 infetados em todo **MUNDO**.
- **ESPAÑA**. 235.772 infetados, 28.752 vítimas mortais e 150.376 recuperados.
- **ITÁLIA** regista o menor número de contágios dos últimos dias.
- **FRANÇA**. O número diário de mortes só será atualizado esta segunda-feira.
França avança para uma reforma na saúde.
- **ALEMANHA** com mais de 178 mil casos tem vários estados já sem novas infeções
- **REINO UNIDO**. Total de casos: 259,559. Novos casos: 2,409 Total de vítimas mortais: 36,793.
- **BÉLGICA** com tendência média semanal de novos casos e mortes em baixa.
Total de 9.312 vítimas mortais.
- **ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA** com 638 mortos nas últimas 24 horas. Total de 97.686 vítimas mortais. **Trump** proíbe entrada nos EUA de estrangeiros provenientes do Brasil.
- O **BRASIL** é de longe o país mais afetado pela pandemia na América Latina, com 22.666 mortos e 363.211 casos, seguido pelo México, com 7394 mortes e 68.620 casos, e o Peru, que registou 3456 óbitos e 119.959 infeções.
- Número de mortos em **ÁFRICA** sobe para 3348 em mais de 111 mil casos.
- **RÚSSIA** totaliza 350 mil contágios e 3.633 vítimas mortais da pandemia.
- **CHINA** deteta 11 novos casos nas últimas 24 horas.
- **ÁFRICA** deve deixar de esperar pela salvação vinda de outros - União Africana



FRASES DO DIA

- **“Podemos estar certos de uma recuperação económica relativamente rápida na Europa”**, Mário Centeno, Presidente do Eurogrupo.
- **“A proposta franco-alemã seria um grande passo com vista a uma união fiscal e a uma união monetária que funcione verdadeiramente, ainda que o plano do fundo de reconstrução [na sequência da crise gerada pela pandemia de covid-19] seja limitado no tempo”**, Mário Centeno, Presidente do Eurogrupo.
- **“Tantas vezes nos dizem que não há dinheiro para acudir aos problemas dos trabalhadores e do nosso povo, mas a verdade é que nunca falta para acudir à banca, como aconteceu há dias, com a transferência para o Novo Banco de mais de 850 milhões de euros”**, Jerónimo de Sousa, Secretário-geral do PCP.
- **“Até agora, não andámos a ocultar nada do que se está a passar. Temos no terreno todo o corpo operacional.”**, Patrícia Gaspar, secretária de Estado da Administração Interna
- **“Precisamos de uma estratégia mais robusta para a China, que também exige melhores relações com o resto da Ásia democrática”**, Josep Borrell, Alto representante da União europeia para as Relações Exteriores



ARTIGOS SELECIONADOS

OMS CONSIDERA CADA VEZ MAIS IMPROVÁVEL SEGUNDA GRANDE VAGA

A diretora do departamento de Saúde Pública da Organização Mundial de Saúde (OMS) afirmou hoje que é “cada vez mais” improvável uma segunda grande vaga do novo coronavírus, mas aconselhou muita prudência.

Em entrevista à rádio catalã RAC-1, Maria Neira indicou que os modelos de previsão com que a OMS trabalha “avançam muitas possibilidades, desde novos surtos pontuais a uma nova vaga importante, mas esta última possibilidade é cada vez mais de descartar”.

“Estamos muito mais bem preparados em todos os sentidos”, afirmou a médica espanhola, que recomendou “muita prudência e bom senso” numa fase “muito crítica” da pandemia da covid-19 e pediu que a população não “entre em paranoia nem se relaxe demasiado” e que “aprenda a conviver com doenças infecciosas”.

Maria Neira considerou que se “baixou tanto a taxa de transmissão que o vírus terá dificuldade em sobreviver”.

“Devemos ter muita prudência em afirmar se este é o fim da vaga, mas, pelo menos, os dados mostram que se evitou a transmissão e explosão das primeiras semanas”, declarou.

No entanto, destacou que “vale a pena não fazer muitas previsões porque as próximas semanas serão uma fase muito crítica”.

“Com a abertura [do confinamento das populações] é preciso ver como se comporta o vírus, mas será uma batalha diária. Dentro de duas ou três semanas veremos o que aconteceu e se é preciso fazer alguma correção cirúrgica”, referiu sobre a abertura registada em Espanha.

Maria Neira reconheceu que a OMS ainda tem “algumas dúvidas sobre a relação do vírus com o clima”, mas que regista que este está a “fazer o percurso geográfico que se espera de um vírus que quer sobreviver”.

“Os números da imunidade são muito baixos. É precisa vigilância na reabertura”, reiterou.

Fonte: **Agência Lusa**

OS QUATRO PILARES "PROGRAMA DE ESTABILIZAÇÃO ECONÓMICA E SOCIAL COM TRADUÇÃO NO PRÓXIMO ORÇAMENTO SUPLEMENTAR".

- O **primeiro pilar** é a agilização de procedimentos necessários para que o Estado, as autarquias e as empresas possam investir "com segurança e transparência, mas sem burocracia". Costa quer um **"Simplex SOS que auxilie os processos de investimento"** e que dê resposta às necessidades da crise.
- O primeiro-ministro quer acautelar a **manutenção das micro e médias empresas, do comércio à restauração, passando até pela cultura**, e fala da necessidade de "uma resposta forte" para que no relançamento da economia se possa contar com essas empresas. No fundo, que estejam vivas quando for tempo de relançar a economia. Nesse sentido, já foram redirecionadas verbas de fundos europeus para permitir a essas empresas

financiarem a adaptação às novas regras sanitárias. Além disso, o Governo ainda irá subsidiar a realização de pequenas obras em microempresas, mais com o objetivo de ir dinamizando uma rede capilar na economia, como admitiu recentemente o ministro do Planeamento em entrevista à Renascença e ao Público.

- O **terceiro pilar** definido por Costa é a manutenção das medidas que têm sido criadas de **proteção do emprego**, "reinventar esses mecanismos", com o primeiro-ministro a mostrar-se preocupado com as "jovens gerações que foram atingidas pela segunda vez na sua vida profissional pela crise", sendo as primeiras vítimas do mercado desregulado e dos contratos precários de trabalho.
- E, por fim, o **quarto pilar**, de resto o mais abrangente. O da **dimensão social da crise**, com o reforço do Serviço Nacional de Saúde, da escola pública e universalidade da escola pública, "que quando fecha as desigualdades emergem", assume Costa, ficando essa garantia de, na abertura do próximo ano letivo, "todos têm o mesmo acesso ao ensino à distância". O Governo ainda não esclareceu completamente como isso será feito e o ministro da Educação admitiu que os meios podem ser entregues às escolas e não aos alunos. E numa resposta às reivindicações dos habituais parceiros de esquerda, o primeiro-ministro inclui neste quarto pilar a "proteção de rendimentos da classe média e de todos os que de repente perderam salário ou por causa do lay-off ou porque ficaram desempregados",

garantindo proteção social e mais uma vez a aposta de um programa de combate à pobreza.

Fonte: RR

NOVO BANCO, TAP OU CTT. QUANDO AS GRANDES EMPRESAS SÃO ALVO DO GOVERNO

Não é comum em Portugal que o Executivo critique abertamente empresas privadas, mas não é inédito. Novo Banco e TAP são os alvos mais recentes, mas não são caso único ao longo dos últimos anos.

O tiro ao alvo do presidente norte-americano Donald Trump — incluindo sobre grandes empresas nacionais ou estrangeiras, cotadas ou não — não é um estilo que outros líderes costumem replicar. Mas não significa que não haja exemplos deste lado do Atlântico, incluindo em Portugal. E este Governo tem apontado a várias nos últimos tempos.

Bónus em tempos de prejuízos e injeções de capital milionárias puseram o Novo Banco na mira de António Costa, levando a instituição financeira sentir-se usada como “arma de arremesso político”. Mas as críticas do primeiro-ministro (e de todo o Governo) não se cingem ao Novo Banco. Só durante a pandemia, todos os bancos e TAP já foram alvos. Antes disso, já estiveram na mesma posição empresas como os CTT, a Altice ou a Jerónimo Martins.

A gestão do Novo Banco

Os salários do Novo Banco foram o tema quente da semana. Vários partidos criticaram a gestão do banco, em particular vendas de ativos abaixo do valor, que

faz agravar os resultados negativos. António Costa adiantou no Parlamento que se a auditoria especial da Deloitte detetar “falhas de gestão” no Novo Banco que não justificavam as injeções feitas, o Fundo de Resolução pode pedir o reembolso do dinheiro que injetou. “Tem toda a legitimidade”, garantiu o primeiro-ministro.

O banco liderado por António Ramalho já recebeu quase 3.000 milhões de euros em injeções do Fundo de Resolução por conta dos prejuízos acumulados desde 2017. Apesar disso, planeia pagar (assim que o acordo com o Fundo de Resolução o permitir) prémios de dois milhões de euros aos gestores. Também esta situação foi alvo de crítica, com o ministro das Finanças, Mário Centeno, a pedir que o Novo Banco recue na atribuição dos prémios aos gestores.

Os atrasos da banca nas linhas Covid

Durante a pandemia, o Governo já colocou todos os bancos em cheque. A banca está a ser criticada pela demora em disponibilizar as linhas de crédito com garantias de Estado lançadas para ajudar as empresas durante o surto: já foram avalizadas garantias acima de cinco mil milhões de euros, mas apenas 1,5 mil milhões foram aprovados. “Não sei do que é que os bancos estão à espera. Mas as empresas estão à espera dos bancos e não do SPGM”, disse António Costa também esta semana no Parlamento.

A insolvência da TAP

Se à banca, o Governo tem puxado as orelhas, é com a TAP que tem realmente endurecido o discurso. A companhia aérea está a ser fortemente castigada pela pandemia. O Governo está a trabalhar com a administração da empresa numa operação de capitalização da companhia, que é detida em 50% pelo Estado, em

45% pela Atlantic Gateway e 5% pelos trabalhadores. Mas há condições e nenhum cenário é excluído. Nem mesmo a insolvência da empresa.

“O Governo não quer deixar cair a TAP e faremos a intervenção necessária para garantir que a TAP não cai”, mas “é fundamental que um Estado se dê ao respeito, não se deixe enganar, nem se deixe usar”, disse o ministro das Infraestruturas e da Habitação, Pedro Nuno Santos. “O Estado vai partir para uma negociação e não podemos excluir nenhum cenário, inclusivamente a insolvência da empresa”.

A saída de António Domingues da CGD

O conflito entre o Governo e a banca não é de agora. O caso mais quente foi o do antigo administrador da Caixa Geral de Depósitos, António Domingues. Em 2016 o Governo tinha um plano de recapitalização do banco público pronto para entrar em curso, pelas mãos de Domingues. O gestor saiu do BPI em abril desse ano e preparava-se para assumir funções no fim de agosto.

A polémica começou quando foi conhecido um memorando assinado pelo Governo que acabava com os limites aos salários dos gestores da Caixa. Remuneração essa que Domingues iria acumular com uma reforma do BPI. Mas o pico aconteceu quando se recusou em apresentar a declaração de património e de rendimentos ao Tribunal Constitucional. António Costa então foi claro: “Ninguém está acima da lei. Não sou porta-voz nem advogado dos administradores da Caixa. Nem me substituo ao Tribunal Constitucional na definição de quais são as obrigações de cada um”.

Intolerância à “incompetência” nos CTT

A qualidade da gestão já foi também um ponto de (mais uma) cisão entre o Governo e os CTT. A empresa foi privatizada em 2014, mas o Executivo faz questão de lembrar que o contrato celebrado com o Estado lhe dá poderes para controlar o serviço postal universal. Foi o que Guilherme W. d'Oliveira Martins, então secretário de Estado das Infraestruturas, avisou em julho de 2018.

“A Anacom, neste último ano, tem transmitido essa mensagem [à administração dos CTT], que o Governo não vai tolerar qualquer margem de incompetência ou de incumprimento”, disse o então governante com a tutela das comunicações. “O Estado não tem ingerência, mas em todo o caso tem um contrato de concessão que é para cumprir”.

A Altice, o investimento no SIRESP e os trabalhadores

A história entre a Altice e o Governo também já vai longa. A mais recente aconteceu no seguimento dos incêndios de 2017. Após a tragédia, o Governo avançou com um aditamento ao contrato do Sistema Integrado de Redes de Emergência e Segurança de Portugal (SIRESP), que é detido pela Altice e pelo Estado), num total de 15,8 milhões de euros para aumentar a capacidade da rede de emergência nacional. O Tribunal de Contas não concedeu, no entanto, visto por considerar que o investimento deve ficar a cargo do consórcio. A decisão levou a uma guerra entre SIRESP e Governo.

A empresa a ameaçar não ter capacidade financeira para manter a rede de emergência nacional por satélite e o Ministério da Administração Interna (MAI) a acusar o SIRESP de ter agido “unilateralmente”. Este foi apenas um dos episódios do desacordo entre Governo e Altice, sendo que, em 2017, António Costa já tinha

dito em entrevista ao Expresso que se a Portugal Telecom (PT) não melhorar o serviço que presta, “o SIRESP terá de arranjar outra operadora para suportar as suas comunicações”.

Pouco antes, outro tema já tinha colocado o Governo em rota de colisão com a empresa. O ministro dos Negócios Estrangeiros, Augusto Santos Silva, disse que compreendia que os trabalhadores da empresa fizeram greve por serem realocados a uma subsidiária do grupo. “Sou dos que compreendem muito bem a luta que está a ocorrer hoje na PT, porque de facto se fosse trabalhador da PT, se estivesse na PT aos 20 ou 30 anos, e fosse agora colocado numa empresa subsidiária mantendo os meus direitos apenas por um ano, também se calhar estava a fazer greve e estava a manifestar-me”, afirmou em entrevista à RTP3, em julho de 2017.

Aliás, o próprio primeiro-ministro já tinha dito recear que, devido à “forma irresponsável” como foi feita a privatização, o país poderia vir a ter “um novo caso Cimpor”, com um eventual “desmembramento” que poria em risco os postos de trabalho e o futuro da companhia. “Cá por mim, já fiz a minha escolha da companhia que utilizo”, rematou António Costa.

A sede holandesa da Jerónimo Martins

A Jerónimo Martins — retalhista dona da cadeia de supermercados Pingo Doce e um dos pesos pesados do PSI-20 — também já esteve na mira de António Costa. A dona do Pingo Doce tem, desde 2012, sede social nos Países Baixos (antiga Holanda), o que é visto pelo primeiro-ministro como inadmissível. “Quando vemos que o lucro obtido pelas compras que fazemos em alguns dos nossos

supermercados gera receita não nos nossos cofres públicos, mas nos da Holanda, entendemos que há aqui um problema de grave distorção e de lealdade na concorrência”, afirmou o responsável, há três anos.

EDP e o choque estratégico

Sendo a maior empresa do país, a EDP é também recorrentemente tema no Parlamento. A razão mais recente foram os dividendos, mas a mais quente os Custos de Manutenção do Equilíbrio Contratual (CMEC). As alegadas rendas excessivas pagas à elétrica foram debatidas durante mais de 200 horas numa comissão parlamentar de inquérito polémica que terminou com um documento que exige a devolução de milhões de euros aos consumidores de energia e que a empresa repudiou.

Outro caso mediático diz respeito à barragem de Fridão: a sua construção foi cancelada em 2019 e a EDP quer de volta os 218 milhões de euros que pagou ao Estado, mas o ministro do Ambiente recusa pagar. O caso está agora em tribunal arbitral. Mas há outros braços de ferro entre a EDP e o Governo como a contribuição extraordinária sobre a energia (CESE), que a empresa deixou de pagar em 2017 e só retomou no ano passado, depois de ver cumpridas as suas exigências.

Fonte: **ECO**

MENSAGEM DO GOVERNO SOBRE A PANDEMIA “MUDOU RADICALMENTE”, É AMBÍGUA E “ABRE PORTAS AO MEDO”

Entrevista ao Expresso Daniel Rijo, professor na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra e especialista na área das

perturbações da personalidade e do comportamento antissocial. Ainda assim, defende, não haveria outra forma de fazer isto, porque “não podemos estar à espera que seja superconfortável para toda a gente voltar à normalidade”.

Foi divulgada recentemente uma sondagem que mostra que a maioria dos portugueses considerado arriscado andar de transportes públicos ou ir ao restaurante. Como olha para esses dados?

É o medo que justifica que haja essa dificuldade em retomar as atividades que faziam parte do nosso quotidiano, e retomá-las de uma forma regular, rotineira. No início, quando foram impostos o confinamento, muitas pessoas sentiram dificuldades em adaptar-se a isso, até porque interromperam a sua atividade física e isso tem, desde logo, grandes repercussões no sono. O facto de nos mexermos muitos e termos trocas sociais também ajuda a regular o humor, e tivemos de deixar de o fazer. Presumo que, sobretudo para aqueles que passaram a trabalhar a partir de casa, e ficaram mais isolados, isso tenha custado bastante nas primeiras semanas. Mas, entretanto, a maioria das pessoas, algumas delas com muito sofrimento, é certo, acomodou-se a essa nova rotina. O que sucede é que, de repente, a mensagem transmitida pelas autoridades, como a Direção-Geral da Saúde e o Governo, mudou radicalmente, e em poucos dias, e agora é suposto as pessoas fazerem o contrário do que estavam a fazer e terem coragem para retomar a sua vida. É-lhes pedido que enfrentem situações que podem constituir uma ameaça para si, e obviamente que se reage com medo e ansiedade. Dizem-nos agora que os números são consoladores, e são de facto, mas ainda assim não há certezas de que isto não possa voltar atrás, de que não

se possa voltar a fechar tudo se as pessoas não acatarem as ordens e o número de novos casos disparar. A mensagem transmitida é dupla e é também ambígua, e esta incerteza abre portas ao medo

Trata-se de uma resposta de adaptação, é isso?

Sim, é uma resposta adaptativa face ao receio de ficar infetado e infetar outros. No fundo, o que está por detrás de tudo isto é o medo da morte. Embora se saiba que o vírus é mais letal em grupos específicos, já morreram pessoas mais novas, por exemplo, portanto é normal que esse medo seja ativado nas pessoas, sobretudo naquelas que vão começar agora a expor-se mais a situações de contacto social. Mas há outra coisa que julgo que vai acontecer: assim como nos habituamos ao confinamento, também vamos habituar-nos ao seu contrário, se os números não piorarem, se o medo passar. Mas é preciso dar tempo, claro.

Estamos a falar de quanto tempo?

Creio que em um ou dois meses a maior parte das pessoas vai acomodar-se. A nossa mente, quando processa estas situações de ameaça ou perigo, é muito dicotómica. Isto é, avalia em termos de extremos. Em termos adaptativos, partimos sempre do princípio que pode acontecer o pior, para nos protegemos. Portanto, a avaliação que fazemos em cada situação de ameaça ou potencial ameaça, não é ponderada, refletida, demorada. Pelo contrário, é automática e imediata. E é precisamente por isso que muitas pessoas, ao retomarem agora as suas atividades e os seus contactos, podem ter reações de medo, tensão e ansiedade. Sobretudo se se confrontarem com muita gente nas ruas, pessoas sem máscara e situações de grande proximidade física. E, se começarmos a ter notícias sobre

mais casos e mortes, porque as notícias acabam por estar sempre muito focados nisso, isso irá confirmar a visão automática de que isto pode ser uma ameaça e um risco para nós, e haverá mais sintomas de ansiedade e medo. Se, por outro lado, formos percebendo que, com as atuais medidas em curso, o risco é mínimo, aí ficaremos mais tranquilos e será mais fácil voltar à normalidade.

É por considerarem arriscado andar de transportes públicos que as pessoas vão deixar de andar?

Talvez não deixem de andar, mas isso não significa que vão fazê-lo com a despreocupação de antes. Nos últimos dois meses e meio, três meses, fomos bombardeados com imensa informação sobre o vírus e formas de contágio, sobre transmitir-se por gotículas, mas também através de superfícies e de roupa. Algumas pessoas vão manter os comportamentos de higiene, mas na verdade não acho que seja a maioria, porque se trata de rotinas muito exigentes, que obrigam a uma grande mudança na rotina. Quanto à questão colocada, acho que a maior parte das pessoas vai enfrentar a situação, vai sentir desconforto e receio e depois, com o hábito, e verificando que não há perigo e nada lhes acontece, vai voltar a todas essas rotinas. Claro que há subgrupos, nomeadamente o grupo das pessoas que se avaliam como tendo uma saúde vulnerável, ou porque são fumadoras ou têm problemas respiratórios ou outra razão, e aí será diferente. A essas vai custar mais voltar às rotinas, e haverá tendência para continuar a evitá-las. Há outro subgrupo, que é o daquelas pessoas que, durante o estado de emergência, evitaram tratamentos médicos, alguns urgentes, e também cirurgias, com receio de serem contaminadas no hospital. Se evitaram nessa altura um

tratamento que lhes seria benéfico, parece-me natural que evitem agora os transportes, contactos sociais, etc.

Podemos falar de diferentes níveis de medo?

Sim, a intensidade da resposta de medo tem uma variabilidade individual. A resposta de medo e ansiedade não é disfuncional, não é uma coisa errada. Em casos extremos, quando o medo é muito intenso, isso leva à fuga, e é por isso que se pressupõe que muitas pessoas terão dificuldade em regressar à sua vida de antes. Nesta situação, e como já têm sido dito, o 'perigo' pode estar em qualquer lado, noutra pessoa, numa superfície, nas mãos levadas à boca sem se dar conta, e o que nos pedem em termos de etiqueta respiratória e de cuidados a ter são coisas sobre as quais não temos controlo. É quase impossível, por exemplo, utilizar de forma eficaz uma máscara. E, como lhe disse, é preciso ver que a mensagem que nos tem sido transmitida é dupla, é ambígua. Dizem-nos agora que os números são consoladores, e são de facto, mas ainda assim não há certezas de que isto não possa voltar atrás, de que não se possa voltar a fechar tudo se as pessoas não acatarem as ordens e o número de novos casos disparar.

Haveria outra forma de fazer isto?

Não acho que pudesse haver, e não estou a criticar o Governo. Idealmente, a taxa de transmissão do vírus seria tão baixa que se podia afirmar categoricamente que não corremos qualquer risco. Mas não é o caso, e obviamente não podemos continuar à espera que essa taxa diminua, caso contrário acabamos com o país. Não podemos estar à espera que seja superconfortável para toda a gente voltar à normalidade.

São possíveis novos surtos do vírus em Portugal. Qual o impacto psicológico de um novo confinamento?

Tendo em conta o comportamento dos portugueses quando foi preciso confinar a primeira vez, diria que, se for preciso voltar a fazê-lo, a adaptação será fácil. Agora, se isso acontecer, se tivermos de ficar em confinamento novamente, já depois de termos adotado todas as medidas de proteção e usado máscara e desinfetado regularmente as mãos, e depois desconfinar, isso terá um impacto enorme em termos de medo. Aí, será ainda mais difícil retomar à normalidade. Porque, entretanto, já houve uma aprendizagem: já aprendemos que, mesmo quando nos disseram que era seguro sair, isso teve consequências, e portanto, nessa altura, teremos muitíssimas mais dificuldades em voltar às rotinas, e o medo será muito mais intenso. A questão é que não temos outra alternativa. O medo vai ter de ser enfrentado. A única coisa que podemos fazer é controlar o risco de contaminação e tentar que seja o mais baixo possível.

Que estratégias podem ser adotadas para “enfrentar o medo”?

Não é fácil elaborar uma lista, mas basicamente passa por entender que o medo é uma resposta adaptativa, que aparece sempre que avaliamos uma situação como sendo pouco segura ou ameaçadora ou perigosa. Que o medo faz parte da vida e já nos salvou como espécie em muitas circunstâncias, porque permitiu que reagíssemos de forma rápida e eficaz, no sentido de protegermos a nossa integridade física. Mas que, muitas vezes, fica desregulado, como é expectável que fique em algumas pessoas. Nessa altura, há coisas práticas que podem ser feitas, como focar a atenção na respiração, procurando assim acalmar, ficar no

momento presente, acalmar a mente, fazer uma avaliação da situação mais realista, reconhecendo os sintomas do medo, perceber que o medo não é a realidade e que posso estar a valorizá-lo excessivamente. O impacto psicológico que sentimos quando lidamos com acontecimentos negativos faz parte da condição humana e a nossa vida, além de ser o que é, também é uma sucessão de adaptações a coisas que preferíamos que não tivessem acontecido.

Fonte: **Expresso**



Luís Afonso- Jornal de Negócios



OPINIÃO

CONTRIBUTOS PARA UM MANUAL DO BOM BUROCRATA

A vida em sociedade era mais fácil sem pessoas, só atrapalham, com a mania de terem vontade própria. E quando se fala de crianças, pior ainda, porque também têm o péssimo hábito de serem infantis.

Os restaurantes já abrem, as ruas vão tendo pessoas e as praias começam a ficar compostas. É o regresso à normalidade. Mas o período de exceção criado pela pandemia motivou a imposição de regras e restrições a muitas coisas que faziam parte do nosso dia-a-dia e a algumas liberdades tidas como sagradas numa democracia, mas que tiveram que ceder temporariamente a objetivos coletivos mais importantes.

A estratégia de confinamento decidida pelas autoridades foi aconselhada pela generalidade dos especialistas e, à luz do que sabemos, foi a melhor das estratégias. Esta é uma das funções mais nobres da ciência, ajudar a sociedade e cada um de nós individualmente a tomar as decisões que melhor defendem a nossa qualidade de vida.

Mas também foi um período de observação muito rico – e continua a ser. Na definição e aplicação do conjunto de ações e de medidas que deram corpo à estratégia vieram à tona os tiques habituais dos vários intervenientes.

Um desses traços é o gosto e a queda para a regulação detalhada, para a fixação excessiva de regras para tudo e mais alguma coisa, para tentar traçar a régua e esquadro o comportamento de pessoas, para definir processos complexos e para exigir as papeladas necessárias, mas também as supérfluas.

Esta não é uma doença que ataque apenas a administração pública ou que seja portuguesa. Basta ouvir as críticas generalizadas às regras da Comissão Europeia ou aos sinuosos processos da banca para acesso aos apoios empresariais.

Nesta vertigem burocrática rapidamente se chega ao ridículo, ao injusto e ao incompreensível. E é com base nesses casos mais extremos que aqui fica um

contributo necessariamente caricatural para o estudo dessa espécie tão comum, o burocrata.

O bom burocrata é generoso. Se puder fazer 20 regras não fará apenas as duas ou três que são essenciais e suficientes. Porque o bom burocrata gosta de prever toda e qualquer eventualidade para não dar espaço a imprevistos que são como as mensagens nas praias algarvias: sabe-se como começam nas nunca se sabe como acabam. Por isso, se tiver imaginação para definir 80 regras para frequência das praias é isso mesmo que o bom burocrata faz.

O bom burocrata é amigo. Ele sabe muito melhor do que cada um o que é melhor para nós. Esta é uma prática antiga e enraizada na cultura portuguesa. Conta-se que Salazar, quando recebia ministros para despacho durante o Inverno, os aconselhava a imitá-lo, cobrindo as pernas com uma manta. Perante a recusa do ministro, justificando que estava confortável assim, muito obrigado, o ditador insistia: “Ponha, ponha que o frio vem depois”. E eles lá punham, incapazes de discernir o que era mais confortável para si.

O bom burocrata não se atrapalha com a realidade porque é ele que faz a realidade. Esta coisa da vida em sociedade era muito mais fácil sem pessoas. As pessoas só atrapalham, como todos sabemos, com a mania de terem vontade própria. E quando se fala de crianças, pior ainda, porque além de irresponsáveis também têm o péssimo hábito de serem infantis. Daí ser preciso definir diretrizes muito bem definidas, ao centímetro. No regresso às creches os miúdos não devem aproximar-se uns dos outros a menos de 2 metros. Vá lá, uma cedência, a 1 metro

e 50 centímetros. E nada de partilhar brinquedos. É impossível de cumprir? A realidade é que está mal porque a medida é perfeita. Que se mude a realidade.

O bom burocrata acredita que é a boa burocracia que mata a fraude. Quanto mais papéis, menos golpadas. Por isso, o sistema financeiro pede mais e mais documentos para afastar os chicos-espertos que querem dar calotes no acesso aos apoios. É pelo nosso zelo burocrático que nunca tivemos falências nem casos de polícia que obrigaram ao resgate de bancos. Nenhum potencial criminoso resiste ao pedido de sete certidões e cinco declarações para levantar um crédito bancário de milhões para um projeto duvidoso que não tenciona pagar. Sobretudo se for bem relacionado na elite económica e política.

Para o bom burocrata as regras são o princípio e o fim de tudo. Não são as regras que servem uma função, são as funções que servem as regras. Precisávamos urgentemente de reforçar o pessoal clínico? Sim. Havia alguns disponíveis? Havia, vieram da Venezuela e vivem em Portugal. Mas têm um problema insanável: não têm a papelada em dia. Entre o reforço dos cuidados clínicos e a via-sacra burocrática é óbvio que este último valor é muito mais importante.

O bom burocrata não abdica das prioridades certas: primeiro estão os processos e só depois devem realizar-se funções menores. Só por manifesta má vontade se pode criticar isto: “A informação sobre um doente com suspeita de Covid-19 que entre num hospital pode passar por tantos programas informáticos quantos os passos que tiverem de ser dados no processo: registo clínico na urgência (Alert), resultados de testes (Clinidata), outros exames (jOne), registo de internamento (SClinico), prescrições de medicamentos (Glintt), monitorização depois da alta

(Trace-Covid e SClinico), prescrições de medicamentos em ambulatório (PEM), registo epidemiológico (SINAVE – Sistema Nacional de Vigilância Epidemiológica) e óbito (SICO – Sistema de Informação dos Certificados de Óbito).” A isto chama-se segurança nos processos, meus senhores. É como os sites que pedem a repetição da password, não vá a pessoa estar a aldrabar ou a enganar-se. Depois disto, tendo tempo, os médicos então podem dedicar-se a cuidar dos doentes com a tranquilidade de quem já cumpriu o seu principal dever.

O bom burocrata acha uma perda de tempo explicar as medidas inexplicáveis ou contraditórias. E não tem dúvidas: quem as critica é um perigoso anarquista. Posso entrar no mar para fazer surf? Posso. Mas posso entrar para nadar? Não. Posso estar na praia a pescar? Posso. E posso estar sozinho, sentado na areia a olhar para o mar? Não. Cumprindo as regras de distanciamento social posso andar na rua? Posso. E cumprindo as mesmas regras de distanciamento social posso estar na praia deitado a ler? Não. E a polícia, zelosa, lá vai pela areia aconselhar pessoas sozinhas e devidamente distanciadas que não podem estar ali. Perante estes casos o cidadão exemplar só tem uma coisa a fazer: cumprir sem questionar ou protestar.

O bom burocrata protege qualquer dado na sua posse como se fosse o código de acesso ao ouro do Banco de Portugal. É ele o dono e guardião dos dados e informações de que a administração pública dispõe e terão que o vencer se quiserem ter acesso a esses dados. E se é assim é porque nunca se sabe o que a comunidade de académicos, cientistas ou investigadores é capaz de fazer com um computador e uma base de dados. Esta gente é perigosa e como não tem

sensibilidade para o verdadeiro interesse nacional pode revelar ao país verdades que este não está preparado para ouvir. Ou, pior ainda, concluir que o que a administração estava a fazer ou a dizer era errado à luz dos dados. Por isso, o bom burocrata faz tudo para defender o interesse nacional negando, atrasando e depois dificultando o acesso a dados.

O bom burocrata adora agradar ao chefe porque a hierarquia é a primeira de todas as regras. A hierarquia funcional é um pilar fundamental da ordem das coisas. E se há coisa que o bom burocrata sabe antes de tudo é cada detalhe do processo ao longo da hierarquia. Nunca lhe escapam cada parecer, despacho ou ordem de serviço por quem de direito porque ele sabe ser fiel às chefias. Por isso, o bom burocrata encontrará sempre uma forma de adaptar as regras ou as suas aplicações às vontades superiores que têm uma visão mais larga do interesse nacional. As regras impedem as pessoas de sair do seu concelho de residência ou de juntarem em espaços públicos. Mas é preciso “dar um jeitinho” para permitir eventos políticos com centenas de pessoas ou que se deslocam de outros concelhos, como aconteceu no 1º de Maio? O bom burocrata arranjará forma se o fizer. E, pasme-se, dentro das regras. Porque no fundo, no fundo, o bom burocrata também sabe ser flexível.

Paulo Ferreira, jornalista.

Fonte: **ECO**

“AS MÁQUINAS NÃO ADOCEM. RECEIO QUE ESTA CRISE LEVE A UMA MAIOR AUTOMATIZAÇÃO” – ESTHER DUFLO– PRÉMIO NOBEL DA ECONOMIA 2019

A investigação desta economista para reduzir a pobreza rendeu-lhe o Prémio Nobel no ano passado. Ele argumenta que, para evitar uma recessão, é necessário manter empregos e salários enquanto pudermos.

O edifício do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), onde ocorreu a primeira parte desta entrevista, em 12 de março, ainda parecia imune à tempestade global desencadeada pela pandemia de coronavírus, que virou a vida e a economia de cabeça para baixo. Os estudantes percorriam os corredores com um ar despreocupado, embora se avistassem algumas máscaras. Ao chegar ao gabinete da professora Esther Duflo (Paris, 1972), o cumprimento a um metro de distância ficou-se por um sorriso e um encolher de ombros recíproco. Nos dias que se seguiram, tudo começou a desmoronar, e mesmo este estranho encontro pareceu subitamente impossível.

Hoje o mundo é um lugar diferente. No início desta semana, o economista respondeu a novas perguntas sobre essa crise económica e de saúde, a partir das quais a dimensão começa a ser melhor compreendida, apesar das incertezas por resolver. O SARS-CoV-2 é um novo vírus, do qual ainda sabe pouco, e Duflo é uma economista obsessiva pelos testes e as experiências. Ganhou o Prémio Nobel de Economia de 2019 ao lado de Abhijit Banerjee e Michael Kremer pela sua

abordagem no combate à pobreza, que funciona com base em evidências científicas.

Em 2003 , junto com Banerjee -o seu marido - criou um laboratório, o MIT J-PAL , que projeta estratégias com uma metodologia semelhante à usada em ensaios clínicos. No seu livro mais recente, *Good Economics for Hard Times* (Taurus, 2020), ambos desmantelam várias outras teorias pré-concebidas sobre economia e como a economia pode ajudar a resolver os nossos problemas. Duflo cita Keynes, que disse que: "Homens práticos, que se acreditam isentos de qualquer influência intelectual, geralmente são escravos de algum economista tardio".

A economia despenhou-se subitamente devido à pandemia. Por que razão quase ninguém espera uma recuperação drástica?

Existem dois aspetos. Um é quanto tempo o problema subjacente, o vírus, estará connosco e exigirá que mudemos a maneira como produzimos, consumimos ou interagimos nas questões fundamentais. Este ajuste levará tempo. Até termos uma vacina ou medicamento que funcione suficientemente bem, não podemos esperar uma recuperação completa. Estou otimista de que a vacina possa ser obtida dentro de 18 meses, com muito esforço e dinheiro a suportar. Uma vez que a tenhamos, há razões para sermos otimistas. A grande diferença entre esta crise e a crise de 2008 ou a Depressão de 1929 é que o colapso não se deveu a uma crise no sistema bancário. É mais como um desastre natural ou uma guerra, e a experiência das guerras é que os países conseguem recuperar-se rapidamente. Vimos isso com a Alemanha na Segunda Guerra Mundial ou no Vietname após a

guerra. Quando as pessoas sentirem que podem sair e que podem confiar na sua estabilidade financeira, nós recuperaremos.

Quando a recessão se pode transformar em depressão? Como evitar passar de uma para outra?

De acordo com o dicionário Merriam-Webster, há uma citação, possivelmente apócrifa, atribuída a Truman que diz: Noutras palavras, uma depressão é uma recessão mais grave, que vem a crescer como uma bola de neve. Para evitá-lo, é essencial apoiar o rendimento das pessoas e, mais importante, fazê-las ver que terão condições de continuar a tê-lo. Os países ricos gastaram muito dinheiro a estimular a economia – 10% do PIB, no caso dos Estados Unidos –, mas o risco é que parte desse dinheiro seja destinada ao resgate de acionistas de empresas em dificuldade, como as companhias aéreas. Isto não fará nada para ajudar uma economia a enfrentar uma crise de procura, o que precisamos é de manter empregos e salários o maior tempo possível. Foi o que a Dinamarca fez e penso que recuperará numa posição muito boa. Isso mostra a força do seu contrato social.

Haverá mudanças estruturais ou, pelo menos, muito duradouras? Uma nova ordem económica?

Há muita discussão sobre o comércio nos EUA e na Europa. No nosso livro, criticamos muito o impacto do comércio na vida das pessoas, mas ainda não compreendo a razão pela qual as pessoas acreditam que são responsáveis por esta crise. Claramente, estamos-nos a mover mais do que antes e, se ninguém fosse a nenhum lugar, a pandemia não seria global, mas isso tem a ver com as

peessoas, não com os produtos. Outros também acreditam que, se as cadeias de produção fossem mais locais, não teríamos sofrido com a falta de alguns bens (como ventiladores ou máscaras), muitos dos quais são produzidos na China. Mas isso é para evitar não recordar que, após uma interrupção inicial das exportações, a China aumentou a produção e abasteceu o mundo. Vamos imaginar o contrário: se cada país dependesse de suas próprias fábricas, E se o seu país bloquear pela doença e interromper as cadeias de produção internacionais? O problema não era o comércio, mas os países estarem a tentar economizar e não estavam preparados para isso. O que eu acho é que as empresas vão aprender como é perigoso depender de um único fornecedor de um único país, pelo que vão diversificar. E isso pode significar uma grande oportunidade para os países em desenvolvimento, que têm poucas oportunidades de competir com a China. Com uma pequena ajuda, eles poderiam aceder aos mercados internacionais, fornecer muitos produtos e mostrar o que podiam fazer. Com o apoio adequado seriam integrados na economia internacional.

E como acha que o mundo do trabalho pode mudar?

O que preocupa é que, nesta crise, os gestores das empresas possam acomodar-se no desejo de avançar para o reforço da automatização. Antes da crise, as empresas já estavam a apostar nela muitas vezes, mesmo quando as máquinas não eram necessariamente superiores aos humanos. Mas sob o ponto de vista financeiro são mais vantajosas, não organizam nem fazem greve. Isso levou a muitas substituições de funcionários por máquinas, e essas posições perdidas não foram compensadas por outras oportunidades de emprego. Receio que, com o

risco de as pessoas ficarem doentes – especialmente se lhes proporcionar más condições de trabalho –, os gestores e os acionistas apostem na automatização em prejuízo dos trabalhadores. Talvez seja uma tendência que não podemos parar, mas pelo menos podemos ajudar os trabalhadores a adaptarem-se às mudanças e a encontrarem outros empregos.

Que efeito espera na luta contra a pobreza?

Os pobres nos países em desenvolvimento são alguns dos mais vulneráveis nesta crise, embora o vírus, felizmente, não seja tão mortal quanto se pensava inicialmente. Mas eles geralmente estão no limiar da fome e podem facilmente cair na armadilha da pobreza da qual será muito difícil escapar. Isto pode desfazer décadas de progresso. No livro, defendemos um rendimento básico universal. Muitos países estão prontos para o adotar. Por exemplo, o Togo implementou numa questão de dias um plano que abrange 500.000 dos seus oito milhões de habitantes, mas eles precisam de dinheiro para alargá-lo e continuá-lo, e não dispõem de todos os recursos nesta conjuntura. É algo que o mundo rico deveria ajudar, apesar de estar muito focado nos seus próprios problemas. Espero que se consiga coordenar a ajuda.

Começou a estudar história. Porque passou para a economia?

Pensei que seria mais útil. Estava interessado em mudar o mundo ou ajudar a elaborar políticas. A história não parece ser uma maneira muito rápida de alcançá-la.

Ainda acredita que pode mudar o mundo com a economia?

Estou a tentar no meu trabalho, tive a oportunidade de mudar o mundo, ou pelo menos mudar vidas. Causei impacto em muitas pessoas, graças a melhores políticas para os problemas que elas têm.

Sabe que os historiadores vão ficar ofendidos por dizer que não mudam o mundo

...

Bem, eles desempenham um papel muito importante na formação da narrativa, e isso também muda o mundo, mas não é suficientemente direto e eu queria um atalho.

A luta contra a pobreza fez grandes progressos nas últimas décadas. Independentemente desta crise, acha que existe um teto, um limite além do qual continuar a melhorar exige sacrifícios que o mundo rico não está disposto a assumir?

Não acredito. Para começar, os pobres têm tão pouco dinheiro que não é preciso muito para torná-los mais ricos. Qualquer melhoria na economia global pode tirá-los da pobreza. Era concebível atingir a meta de eliminar a pobreza extrema até 2030 (a data estabelecida nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável), que agora, com a pandemia e a recessão global, pode não ser atingível. Mas, mesmo se o fizermos, adiaremos a meta, para que, de alguma forma, a luta contra a pobreza nunca desapareça. Depois de garantir que ninguém viva com menos de um dólar, pense que ninguém deve fazê-lo com menos de dois e, posteriormente, com menos de cinco. Nossa definição de pobreza evolui muito naturalmente.

O foco de seu trabalho, o método de ensaio clínico aplicado à economia, permitiu derrubar alguns preconceitos, raciocínio que pode parecer lógico, mas não é real na prática.

Sim, por exemplo, existe a ideia de que, se você ajuda uma família, faz com que ela trabalhe menos. Se, por exemplo, você der uma vaca a uma família pobre, eles trabalharão mais para cuidar dela no início. E se você também lhes der a oportunidade, por exemplo, de produzir sacolas, elas poderão torná-las melhores, mais elaboradas e com menos erros. O presente não só não os torna mais preguiçosos, como também lhes proporciona um bem-estar e segurança que os tornam mais produtivos.

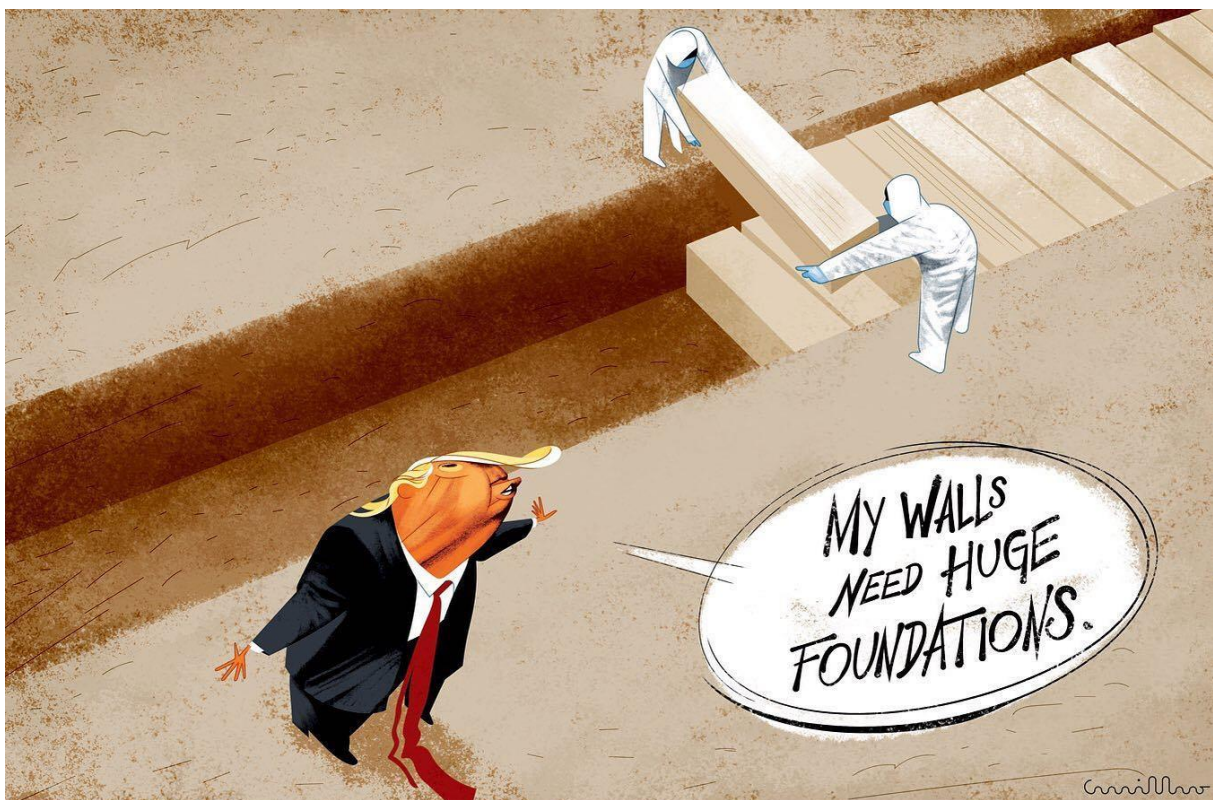
Algumas ideias são mais persistentes que os dados.

Passo a passo. Uma única experiência ou vivência não muda a mentalidade de ninguém, mas a sucessão acumulada de evidências produz efeitos. Olhe para o caso do microcrédito, as pessoas adoraram a ideia. A primeira avaliação que mostrou que não eram ótimos, não foi levada muito a sério, mas depois de oito ou nove testes realizados com o mesmo resultado, ajustou-se e pode funcionar. Não se trata de fechar todas as operações de microcrédito, mas de torná-las mais eficientes.

No seu livro, menciona a história de uma padaria que se recusa a vender bolos de noiva para casais do mesmo sexo [inspira-se num caso real, ocorrido em 2012 em Denver] e perde muitos clientes que rejeitam sua homofobia, mas, ao mesmo tempo, é muito popular noutros grupos. Quer explicar com esse episódio?

A teoria diria que não nos devemos preocupar com situações deste tipo, porque alguém que discrimina desta forma não sobreviverá no mercado, mas isso não é verdade, porque casais gays podem parar de comprar, mas o direito cristão, ou quem quer que seja, pode compensar. Quero dizer que você não pode contar com o mercado por si só para resolver tudo. Se houver consumidores que desejam discriminar alguém, sempre haverá uma empresa que poderá tirar proveito disso e ampliar essa discriminação.

Fonte: **El País**



Trump, the builder

